

Caius Pisão, Seneca, bem como outras figuras veneráveis da época, mais exaltadas no seu patriotismo e amor pela justiça, caíram sob as mãos criminosas do celerado que cingia a corôa, mas Públio Lentulus, ao lado de outros irmãos de ideal que trabalharam no silêncio e na sombra da diplomacia secreta, junto dos militares e do povo, esperou pela morte ou pelo banimento do tirano, aguardando as claridades do futuro, surgidas com o efêmero reinado de Sérvio Sulpício Galba, que, no dizer de Tacito, era "considerado por todos, digno do governo supremo do Império, se não houvesse sido Imperador.

VIII

NA DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM

Mais de dez anos correram, silenciosamente e amargurados, depois de 58, sobre a vida comum dos personagens desta história.

Sómente em 68, conseguira a política conciliatória de grande número de patrícios, entre os quais Públio Lentulus, o definitivo afastamento de Domício Nero com as suas nefandas crueldades. Todavia, a ascensão de Galba durára poucos meses e aquele ano de 69 ia definir grandes acontecimentos na vida do Império.

Lutas numerosas encheram a cidade de pavor e de sangue.

A terrível contenda entre Othão e Vitelino dividira todas as classes da família romana, em facções hostis, que se odiavam ao extremo.

Afinal, a famosa batalha de Bedriac dava o trôno a Vitellio, que inaugurou um novo círculo de crueldades em todos os sectores políticos.

A diplomacia interna, porém, vigiava na sombra, examinando atentamente a situação, de modo a não permitir a continuidade de um novo surto de extermínio e de infâmia.

Vitellio apenas conservou o governo por oito meses e dias, porque no mesmo ano de 69, as legiões do território africano, trabalhadas pela orientação sutil dos que haviam destronado Nero e seus asseclas, haviam proclamado Vespasiano para a suprema investidura do Império. O novo imperador, que ainda se encontrava no campo de seus feitos de armas, empenhado na pacificação da Judéia distante, satisfazendo as exigências mais avançadas de tôdas as classes civis e militares, sendo recebido em triunfo para o posto supremo e iniciando-se, assim, a era prestigiosa dos Flávios.

Vespasiano integrava aquele grupo de patrícios operosos que contribuíra, sem alardes, para a queda dos tiranos.

Amigo pessoal de Públio Lentulus, o imperador se tornára famoso, não só por suas vitórias militares, mas também pelo seu criterioso tirocínio político, evidenciado em Roma desde os dias turbulentos de Calígula.

Sob a sua orientação administrativa, ia abrir-se uma trégua nas imoralidades governamentais, inaugurar-se-ia um novo período de compreensão das necessidades populares e na rota de seus planos econômico-financeiros, o Império ia caminhar para os dias regeneradores de uma era-nova.

Públio recebeu tôdos os acontecimentos com a velada alegria possível aos seus 67 anos de lutas e fortes experiências da vida. Sob a claridade serena da velhice, todavia, sua fibra moral e resistência física continuavam as mesmas de sempre.

Dentro da perspectiva de melhores dias para as realizações patrióticas, considerava; agora, como bem empregado tôdo o tempo que roubara á filha cega, para atender ao trabalho do bem coletivo e foi nêsse estado de espirito, com a consciência satisfeita pelo dever cumprido, de conformidade com as suas concepções, que se dirigiu ao palácio para atender a um chamado especial do imperador, que, muitas vezes, não deixou de recorrer ao conselho dos seus mais antigos companheiros de ideal.

— Senador — disse-lhe Vespasiano na intimidade tranquila de um dos magníficos gabinetes da residência

imperial — mandei chamá-lo para me amparar com a sua tradicional dedicação ao Império, na solução de um assunto que julgo de suma importância (1).

— Dizei, Augusto!... — respondeu Públio como-vído.

Mas o imperador, gentil, cortou-lhe a palavra:

— Não, meu caro, entendamo-nos com a velha intimidade de outros tempos. Deixemos, por um instante, os protocolos.

E, vendo que o senador esboçava um sorriso de reconhecimento á sua palavra fluente e generosa, continuou a expôr a questão que o interessava:

— Chamado á Roma para o cargo supremo, não ousei desobedecer ás sagradas injunções que me impelião ao cumprimento dêsse grande dever, obrigado a deixar meu filho na obra de pacificação da Judéia amotinada, trabalho êsse que considerarei, em tôda a vida, como o meu melhor esforço pela vitalidade do Império, no desdobramento de suas gloriosas tradições.

“Acontece, todavia, que o cêrco de Jerusalém se vai prolongando demasiado, acarretando as mais sérias consequências para meus projetos econômicos, no programa restaurador que me propús realizar no govêrno.

Suponho que o meu valoroso Tito está necessitando de um conselho de civís, além dos assistentes militares que o acompanham na arrojada empresa, e lembrei-me de organizá-lo tão sómente com os meus amigos mais íntimos, que conheçam Jerusalém e suas cercanias.

Quando das minhas primeiras incursões na edildade, tive conhecimento dos seus processos na reforma administrativa da Judéia, sabendo, portanto, da sua permanência em Jerusalém ha mais de vinte anos.

Era, pois, meu desejo que aceitasse, com outros poucos companheiros nossos, a incumbência de orientar melhor a tática militar de meu filho. Tito está necessitando da cooperação política de quem conheça a cidade

(1) Nota de Emmanuel: — Vespasiano esteve em Roma logo após a sua proclamação.

nos seus menores recantos, bem como os seus idiomas populares, de maneira a vencer a situação que se vai tornando cada vez mais penosa.

Públio Lentulus pensou na filha doente, um instante, mas, recordando-se da dedicação absoluta de Ana, que poderia, perfeitamente, substituir os seus zelos por algum tempo, respondeu com decisão e energia:

— Meu nobre imperador, vossa palavra augusta é a palavra do Império. O Império manda e eu obedego, honrando-me em cumprir vossas determinações e correspondendo aos impulsos generosos da vossa confiança.

— Muito agradecido! — revidou Vespasiano estendendo-lhe a mão, extremamente satisfeito — tudo estará pronto, de modo que sua partida e de mais dois ou três amigos nossos, se verifique dentro de duas semanas, o mais tardar.

Assim aconteceu.

Depois das dolorosas despedidas da filha, que ficara aos cuidados da serva dedicada, no palácio do Aventino, o senador tomava a suntuosa galéra que, largando de Óstia, penetrou depressa o mar largo, rumo á Judéia.

O velho patrício reviveu, com penosa serenidade as peripécias da viagem dos seus tempos de juventude venturosa, quando a felicidade era para êle incompreensível, em companhia da espôsa e dos dois filhinhos.

Sim, a pequenina figura de Marcus, o filho desaparecido, parecia surgir novamente a seus olhos, sob uma auréola de radioso e santificado enlêvo.

Um dia, em Cafarnaum, levado pelas palavras caluniosas de Sulpício Tarquinius, duvidou da honorabilidade da mulher, acreditando, mais tarde, que o rapto da criança fôsse uma consequência da sua infidelidade. Mas, Livia, agora, estava redimida de tôdas as culpas, no tribunal da sua consciência. Seus sacrifícios domésticos e a morte heróica no circo constituíam a prova máxima da sublimada pureza do seu coração. Naqueles instantes de meditação, figurava-se-lhe que voltára ao passado com os seus sofrimentos intermináveis, esbarrando sempre na sombra pesada do mistério, quando

tentava reler as páginas desse doloroso capítulo da sua existência.

A que abismos insondáveis e desconhecidos teria sido levado o pequenino que lhe perpetuaria a estirpe nobre?

Suas emoções paternas pareciam alarmar-se de novo, depois de tantos anos e tantos padecimentos em família.

Mas, embora lhe flutuassem no íntimo as mais penosas dúvidas, o senador, na rigidez da sua enfiatura moral, preferia crer, consigo próprio, que Marcus Lentulus havia sido assassinado por malfeitores vulgares, dados ao roubo e ao terrorismo, para nunca mais requisitar os seus desvelos paternos.

Assim queria crer, mas aquela viagem figurava-se-lhe uma autópsia de suas lembranças mais queridas e mais pungentes.

De tarde, ao suave clarão do crepúsculo no Mediterrâneo, parecia-lhe ver ainda o vulto de Livia acalentando o pequenino, ou falando-lhe ao coração em termos afetuosos de consolação cariciosa, supondo lobrigar, igualmente, a figura de Comênio, o servo de confiança, entre os subalternos e escravos.

Em companhia de três outros conselheiros civis, chegou sem maior dificuldade ao destino, colocando-se esse reduzido conselho de íntimos do Imperador á immediata disposição de Tito, que lhe aproveitou carinhosamente os pareceres, utilizando com grande êxito as suas opiniões, filhas de uma grande experiência da região e dos costumes.

O filho do Imperador era generoso e leal para com todos os compatriotas, que o consideravam como um benfeitor e um amigo. Mas, para os adversários, Tito era de uma crueldade sem nome.

Em torno da sua figura ardente e desassombrada, desdobravam-se legiões numerosas de soldados que combatiam encarniçadamente.

O cêrco de Jerusalém, terminado em 70, foi um dos mais impressionantes da história da humanidade.

A cidade foi sitiada, justamente quando intermina-

veis multidões de peregrinos, vindos de todos os pontos da província se haviam reunido junto ao templo famoso, para as festas do pão ásimo. Daí, o excessivo número de vítimas e as lutas acérrimas da célebre resistência.

O número de mortos nos terríveis recontros elevou-se a mais de um milhão, fazendo os romanos quasi cem mil prisioneiros, dos quais onze mil foram massacrados pelas legiões vitoriosas, depois da escolha dos homens válidos, entre cenas penosas de saque e de selvajaria, por parte dos soldados romanos.

O velho senador sentia-se amargurado com aqueles pavorosos espetáculos de carnificina, mas cumpria-lhe desempenhar a palavra dada e era com o melhor espírito de coragem que dava pleno cumprimento ao seu dever.

Seus pareceres e conhecimentos foram, muitas vezes, utilizados com êxito, tornando-se íntimo conselheiro do filho do imperador.

Diariamente, em companhia de um amigo, o senador Pompílio Grasso visitava os postos mais avançados das forças atacantes, verificando a eficácia da nova orientação observada pela estratégia militar dos seus patrícios. Os chefes de operações, várias vezes lhes chamaram à atenção, para não avançarem muito em suas atitudes de desassombro, mas Públio Lentulus não manifestava o menor receio realizando, na sua idade, minuciosos serviços de reconhecimento topográfico da cidade famosa.

Afinal, na véspera da queda de Jerusalém, já se lutava quasi corpo a corpo em todos os pontos de penetração, havendo incursões de parte a parte nos campos inimigos, com ataques recíprocos e recíprocas crueldades para tôdos os que tivessem a infelicidade de cair prisioneiros.

Apesar do zelo de que eram cercados, Públio e o amigo, em virtude da coragem de que davam testemunho, caíram nas mãos de alguns adversários que, em lhes observando a indumentária de altos dignitários da corte imperial, conduziram-nos imediatamente a um dos chefes da desesperada resistência, instalado num

casarão á guisa de quartel, próximo da Tôrre Antônio.

Públio Lentulus, observando as cenas de selvajaria e sangue, da plebe anônima e amotinada, que exterminava numerosos cidadãos romanos em trágicas circunstâncias, sob as suas vistas, lembrou a tarde dolorosa do Calvário, em que o piedoso profeta de Nazaré sucumbira na cruz, sob o vozerio terrificante das multidões enfurecidas e delinquentes. Enquanto caminhava tângido com brutalidade e aspereza, o velho senador considerava igualmente que, se aquele momento assinalasse a sua morte, deveria morrer heroicamente, como sua própria mulher, em holocausto aos seus princípios, embora houvesse fundamental diferença entre o reino de Jesús e o império de Cesar. A idéia de deixar Flávia Lentulia orfã do seu afeto, preocupava-lhe o íntimo e, todavia, ponderava que a filha teria no mundo a dedicação generosa e assídua de Ana, bem como o amparo material da sua fortuna.

Foi nêsse estado de espírito, surpreso com a sucessão dos acontecimentos, que atravessou, longas ruas cheias de movimento, de gritos, de impropérios e de sangue.

Jerusalém, tomada de assombro, mobilizava as derradeiras energias para evitar a ruína completa.

Ao cabo de algumas horas, extenuados de fadiga e de sede, Públio e o amigo foram introduzidos no sombrio gabinete de um chefe judeu, que expedia as mais impiedosas ordens de suplício e morte para todos os romanos prêsos, revidando ás atrocidades do inimigo.

Bastou que Públio fitasse aquele velho israelita de traços característicos para procurar, sofregamente, na imaginação, uma figura semelhante no acervo de suas lembranças mais íntimas, e mais remotas.

Não pôde, porém, de pronto, identificar aquele personagem.

O velho chefe, contudo, pousou nêle o olhar astuto e fazendo um gesto espontâneo de admiração satisfeita, exclamou com uma chispa de ódio a lhe transparecer de cada palavra:

— Ilustríssimos senadores — acentuou com ironia e desprêzo — eu vos conheço de longos anos . . .

E, fixando Públio, acentuou com malícia:

— Sobretudo, honro-me com a presença do orgulhoso senador Públio Lentulus, antigo legado de Tiberio e de seus sucessores nesta província perseguida e flagelada pelas pragas romanas. Ainda bem que as forças do destino não me permitiram partir para a outra vida, na minha velhice trabalhosa, sem me desafrontar de uma injúria inolvidável.

Avançando para o velho patricio que o contemplava supinamente surpreendido, repetia com insistência irritante:

— Não me reconheceis?...

O senador, porém, tinha o semblante a evidenciar o seu penoso abatimento físico, em face daquela rude provação da sua vida; debalde, encarava a figura franzina e maquiavélica de Andre de Gioras, agora com elevado ascendente nos trabalhos do templo famoso, em vista da fortuna que conseguira amealhar.

Verificando a impossibilidade de ser identificado pelo prisioneiro, cuja presença ali mais o interessava e que lhe respondera a todas as perguntas com um silencioso gesto negativo, o velho judeu retornou com sarcasmo:

— Públio Lentulus, sou André de Gioras, o pai a quem insultaste um dia com o excesso da tua autoridade orgulhosa. Lembras-te agora?

O prisioneiro fez um sinal afirmativo com a cabeça.

Vendo, porém, que os seus conceitos atrevidos não o intimidavam, voltava o chefe de Jerusalém a revidar exasperado:

— E por que não te humilhas neste momento, diante da minha autoridade? Ignoras, porventura, que posso hoje decidir dos teus destinos?... Qual a razão por que não me pedes comiseração e piedade?

Públio estava exausto. Lembrou os seus primeiros dias em Jerusalém, recordou-se da visita daquele agricultor inteligente e revoltado. Procurou rememorar, intimamente, as providências que adotara na qualidade de homem público, afim-de que o filho do judeu voltasse ao lar paterno, não se lembrando de haver distilado tanto fêl naquele coração irresignado. Deliberára nada

dizer, frente á sua figura exasperada e truculenta, atendendo ás suas íntimas disposições espirituais, mas, em face da ousada insistência, sem abdicar das antigas tradições de orgulho e vaidade que o caracterizavam noutros tempos e como se desejasse demonstrar o seu desassombro em tão penosas circunstâncias, replicou afinal com energia:

— Se vos julgais aquí no cumprimento de uma obrigação sagrada, acima de qualquer sentimento particular e menos digno, não espereis que se vos peça comiseração, pelo fato de cumprirdes o vosso dever.

André de Gioras franziu o sobrólho, exasperado com a resposta imprevista, andando de um lado para outro no amplo gabinete, com se estivesse a cogitar o melhor meio de executar a tremenda vingança.

Depois de alguns momentos de sombrio silêncio como se houvesse chegado á uma solução condigna dos seus tigrinos projetos, chamou com voz soturna um dos guardas numerosos, ordenando:

— Vai depressa e dize a Italo, de minha parte, que deve aquí estar amanhã, ás primeiras horas, de modo a cumprir as minhas determinações.

E enquanto o emissário saía, dirigiu-se a ambos os prisioneiros nêstes termos:

— A quêda de Jerusalém está iminente, mas darei a última gôta de sangue da minha velhice para exterminar as víboras do vosso povo. Vossa raça maldita veio cevar-se na cidade eleita, mas eu prezo a minha vingança em vós ambos, orgulhosos dignitários do império da impiedade e do crime! Quando se abrirem as portas de Jerusalém, terei executado meus implacáveis desígnios!

Calando-se, bastou um gesto para que os dois amigos fôsem atirados numa enxovia escura e humida, onde passaram uma noite terrível de conjecturas dolorosas, em amarguradas confidências íntimas.

Na manhã seguinte, eram chamados á prova suprema.

Já se ouviam na cidade, os primeiros rumores das

fôrças romanas vitoriosas, entregando-se ao terror e ao saque da população humilhada e inermes.

Por toda parte, o êxodo precipitado de mulheres e crianças em gritaria infernal e angustiosa; mas, naquelas casarões de grossas paredes de pedra, refugiara-se considerável número de chefes e combatentes; para a resistência suprema.

Públio e Pompílio foram conduzidos a uma sala ampla, de onde podiam ouvir o ruído crescente do triunfo das armas imperiais, depois de lances horríveis e dramaticos, em tanto tempo de terror, de rapina e de luta; todavia, ali, naquele compartimento espaçoso e fortificado, viam á sua frente centenas de guerreiros armados e alguns chefes políticos da resistência israelita, que os contemplavam com supremo desprezo.

Diante do avanço vitorioso das legiões romanas, era de notar a inquietação e o pavor dominando todos os semblantes, mas havia um interesse geral pelos dois prisioneiros importantes do Império, como se elles representassem o último objeto em que se pudessem cevar o seu ódio e a sua vingança.

Modificando, todavia, aquella situação indecisa, André de Gioras tomou a palavra em voz estranha e sinistra, que retumbou por todos os ângulos da casa:

— Senhores, — estamos chegando ao fim da nossa desesperada defesa, mas temos o consôlo de guardar dois grandes chefes da amaldiçoada politica de rapina do Império Romano!... Um dêles é Pompilio Grasso, que começou a sua carreira de homem público nesta provincia desventurada, inaugurando um longo periodo de terror entre os nossos compatriotas infelizes! O outro, senhores, é Públio Lentulus, orgulhoso legado de Tibério e de seus sucessores, na Judéia humilhada de todos os tempos; que escravizou nossos filhos ainda jôvens e organizou processos criminosos em todas as zonas provinciais, fomentando o pavor de nossos irmãos perseguidos e flagelados, lá da sua residência senhorial da Galiléia!... Pois bem! antes que os malditos soldados da pilhagem imperial nos aprisionem e aniquilem, cumpramos nossos desígnios!...

Todos os presentes ouviram-lhe a palavra, como se fôra a ordem suprema de um chefe a quem se devesse obedecer cegamente.

Os dois senadores foram, então, amarrados com pesadas peças de ferro aos postes do suplício, sem liberdade para qualquer movimento, restringindo suas expressões de mobilidade aos olhos silenciosos e serenos no sacrifício.

— Nossa vingança — voltava êle a explicar — deve obedecer ao critério da antiguidade. Primeiramente, deverá morrer Pompílio Crasso, por ser o mais velho e para que o vaidoso senador Públio Lentulus compreenda o nosso esforço para eliminar a vitalidade do seu Império maldito.

Pompílio fitou longamente o amigo, como se estivesse fazendo as suas despedidas angustiosas e mudas, na hora extrema.

— Nicandro, êste trabalho te compete — exclamou André, voltando-se para um dos companheiros.

E dando a um vigoroso soldado um espada sinistra, acrescentou com profunda ironia:

— Tira-lhe o coração para o amigo, que deverá conservar a cena de hoje na sua memória, para sempre.

Os olhos do condenado brilharam de intensa angústia, enquanto as faces descoravam ao extremo, acusando as emoções dolorosas que lhe iam na alma. Entre êle e o companheiro de amargura, foi trocado, então, um olhar inesquecível.

Em minutos rápidos, Públio Lentulus assistiu o desenvolver da operação terrível e nefanda.

A cabeça branca do supliciado pendeu ao primeiro golpe de espada e do seu tórax encarquilhado foi arrancado violentamente o coração palpitante, sangrento.

Entretanto, o senador sobrevivente ouvia já o rumor dos patricios vitoriosos que se aproximavam, figurando-se-lhe que já se lutava corpo a corpo, às portas daquela turbulenta assembléia da vindita e do crime. A monstruosa cena estarrecia-lhe o ânimo, sempre otimista e decidido, mas não perdeu a compostura altiva e rígida consigo mesmo, naquele angustioso transe.

Terminada a execução de Pompílio, feita às pressas, porquanto todos os presentes tinham consciência da horrorosa situação que os esperava diante dos triunfadores, André de Gioras levantou novamente a voz:

— Meus amigos — afirmava soturnamente — ao mais velho a penalidade misericordiosa da morte; mas a este patricio infame que nos ouve, concederemos a pena amarga da vida, dentro do sepulcro das suas ilusões desvairadas, de vaidade e de orgulho!... Públio Lentulus, o antigo emissário dos imperadores, deverá viver!... Sim, mas sem os olhos que lhe clarearam o caminho do egoísmo suprémo sobre os nossos grandes infortúnios!... Deixá-lo-emos com vida, para que nas trevas da sua noite busque ver, com os olhos dos escravos que êle espesinhou no decurso da vida inteira!...

Havia um penoso silêncio interior, embora se ouvisse, lá fóra, o patear dos cavalos e o tinir das armaduras, aliados ao rumor sinistro de vozes praguejantes no ataque e na resistência desesperada, do último reduto.

André de Gioras parecia, porém, embriagado com a volúpia de sua vingança e, mantendo o equilíbrio da assistência naquela hora trágica do destino que a todos aguardava, com a palavra magnética e persuasiva exclamou energicamente:

— Italo, compete às tuas mãos a tarefa dêste momento.

Da assistência compacta e inquieta destacou-se um homem, aparentando quasi quarenta anos de idade, surpreendendo o senador pelos seus traços finos de patricio. Seus olhares encontraram-se e êle supôs descobrir naquela alma um laço de afinidade estranha e incompreensível.

Italo? Aquele nome não lhe recordava alguma coisa das proximidades da sua Roma inesquecida? Por que motivo estaria ali, aquele homem, evidentemente de sangue nobre, combatendo ao lado dos judeus amotinados e intoxicados de rebeldia? Por sua vez, o verdugo, indicado pela voz soberana de André, parecia inclinado á ternura e á piedade por aquele homem velho e sereno, de mãos e pés amarrados ao poste da injúria, parecendo

hesitar se devia ou não cumprir o sinistro e despiadado designio do seu chefe.

Dai a minutos, surgia de uma porta larga e sombria um guerreiro israelita, trazendo em ampla bandeja de bronze uma lamina arredondada, de ferro incandescente, cuja ponta mais aguçada repousava entre brisas vivas.

Contemplando com interêsse a enigmática figura de Italo, na vitalidade concentrada da sua idade adulta, o senador não podia dissimular a curiosidade silenciosa, em face do seu vulto erêto e delicado.

André, porém, gozando o quadro e percebendo a acurada atenção do condenado, arrancou-o daquele estado de conjectura e admiração, asseverando com ironia:

— Então, senador, estais admirando o porte nobre de Italo?... Lembrai-vos que se os patrícios se dão ao luxo de possuir escravos israelitas, os senhores da Judeia também apreciam os servos de tipo romano. Aliás, sou obrigado a considerar que é sempre perigoso guardarmos um escravo como êste, na cidade, em vista da praga do patriciado, hoje excessivo por toda a parte; mas eu consegui manter êste homem de trabalho no ambiente rural, até agora...

Públio Lentulus mal poderia decifrar o sentido oculto daquelas irônicas palavras, não lhe sobrando tempo, ali, para qualquer introspecção. Observou que André se calára, atendendo á urgência com que devia ser levada a efeito a operação em perspectiva, de modo a não se perder o vermelho incandescente da lâmina fatídica. Diante de muitos olhares atônitos e desesperados, que não sabiam se fixavam a cena macabra ou se atentavam para a ruidosa penetração das forças de Tito, que quebravam naquele instante os obstáculos do último reduto, o algoz implacável entregou a Italo o terrível instrumento do sacrifício.

— Italo — recomendou com a máxima energia — êste minuto é precioso... Vamos, queimar-lhe as pupilas, de modo a lhe proporcionarmos uma sepultura de sombras eternas, dentro da vida.

O pobre rapaz, todavia, sensibilizado até as lágri-

mas, em face do suplício que deveria infligir por suas mãos, parecia indeciso e titubeante.

— Senhor... — disse súplice, sem conseguir formular as suas objeções.

— Por que hesitas?... — revidou André, tiranicamente, cortando-lhe a palavra. Será preciso o chicote para que me obedeças?

Italo tomou, então, da lâmina, humildemente. Aproximou-se de leve do condenado, exânime na sua resignação e na sua fortaleza interior. Antes do instante supremo, seus olhares se encontraram, trocando vibrações de simpatia recíproca e Públio Lentulus ainda fixou-lhe o porte, tocado de uma incontestável nobreza, esfacelada em suas linhas mais características pelos trabalhos mais impiedosos e mais rudes; e tão grande foi a atração que experimentou por aquele homem, fixado pelos seus olhos em plena luz, pela vez derradeira, que chegou a se recordar, inexplicavelmente, do seu pequenino Marcus, considerando que, se êle ainda vivesse num ambiente tão hostil, deveria ter aquele porte e aquela idade.

As mãos de Italo, todavia, trêmulas e hesitantes, aproximou-se dos seus olhos exaustos, como se o fizesse numa doce atitude de carinho; mas o ferro incandescente, com a rapidez de um relâmpago feriu-lhe as pupilas orgulhosas e claras, mergulhando-as na treva para todo o sempre.

Nisso, observou a vítima que uma gritaria infernal reboava em toda a sala.

Uma dôr indefinível irradiava-se da queimadura, fazendo-lhe experimentar atrozes padecimentos.

Ele nada mais divisava, além das trevas espessas que lhe cobriam o espírito, mas adivinhava que as forças vitoriosas chegavam tardiamente para a sua libertação.

No meio dos ruídos ensurdecedores, André de Gioras ainda se aproximou do condenado, falando-lhe ao ouvido:

— Poderia matar-te, senador infame, mas quero que vivas. Vou revelar-te, agora, quem é Italo, teu algoz do último instante!...

Mas um golpe mais forte de espada, brandida por

um legionário romano, fizera o velho israelita cair ao solo sem sentidos, enquanto uma punhalada certaíra atingia Italo, indeciso na sua estupefação, que caiu pesadamente junto do supliciado, abraçando-se aos seus pés num gesto significativo e supremo.

Vozes amigas rodearam, então, Públio Lentulus, naquele ambiente tumultuário. Desataram-lhe imediatamente os pés e as mãos, restituindo-lhe a liberdade dos movimentos, enquanto outros legionários retiravam o cadáver de Pompílio Crasso, com o peito vasio, num quadro pavoroso de selvajaria e de sangue.

Serenados os primeiros tumultos e guardando as mais penosas dúvidas acêrca-das palavras reticenciosas do inimigo implacável, Públio Lentulus, antes de se dirigir pelo braço dos companheiros que o amparavam, ao comando das forças em operações, onde receberia os primeiros socorros, recomendou que tratassem com o máximo respeito o cadáver de Italo, que jazia ao lado de um montão de despojos sangrentos, no que foi atendido por um companheiro:

— Senador, antes de tudo, não vos esqueçais do vosso estado, que está requerendo de todos nós os mais urgentes cuidados.

E como se quisesse provocar uma explicação espontânea do ferido, quanto ao seu interêsse pelo morto, acentuou delicadamente:

— Não foi êsse homem que vos infligiu o horrendo suplicio:

A' vista da pergunta inopinada e necessitando justificar a sua attitude perante os compatriotas que o ouviam, Públio exclamou com voz pungente:

— Enganai-vos, meus amigos. Êsse homem, cujo cadáver agora não vejo, era nosso conterrâneo, prisioneiro de muito tempo pela sanha vingativa de um poderoso senhor de Jerusalém. Observai-lhe os traços nobres e concordareis comigo!...

E, enquanto se retirava amparado pelos amigos, afim-de receber socorros imediatos e imprescindíveis, supôs haver cumprido um dever, em pronunciando aquelas palavras, porque misteriosas vozes lhe falavam

ao coração, acêrca daquele olhar generoso que pousára em seus olhos pela vez derradeira.

Vários dias esteve Jerusalém entregue ao saque e á desordem, levados a efeito pela soldadesca do Império, faminta de prazeres e envenenada no vinho sinistro do triunfo. Todos os chefes da resistência israelita foram prêsos, de modo a comparecerem em Roma para o último sacrificio, em homenagem ás festas comemorativas da vitória. Entre êles incluia-se André de Gioras, que restabelecido das escoriações recebidas, representava um dos que deveriam ser exterminados para gáudio da assistência festiva na capital do Império.

Depois da matança de onze mil prisioneiros feridos ou inválidos, massacrados pelas legiões vencedoras; depois dos pavorosos espetáculos da destruição e saque do templo magnífico, no qual Israel julgava contemplar a sua obra eterna e divina, para todas as gerações da sua posteridade prolífica, voltou a caravana compacta dos vencidos e vencedores, cheia de riquezas ilícitas e troféus maravilhosos, de modo a exhibir em Roma todos ornamentos ilustrativos da vitória, entre vibrações tumultuárias e cânticos de triúnfo.

Numa galéra confortável e tranquila, viajou Públio Lentulus, resignado dentro da noite compácta da sua cegueira, rodeado de amigos prestigiosos que tudo faziam por minorar-lhe os sofrimentos morais.

Antes de chegar á Roma, muitas vezes cogitou da melhor maneira de se dirigir diretamente a André, para arrancar-lhe a verdade e serenar as suas dúvidas íntimas, quanto á identidade do escravo de tipo romano, que o ferira para sempre, nos preciosos dons da vista. Ele, porém, agora, estava cego e para realizar êsse desejo, teria de se valer de um largo processo de providências, da colaboração estranha, e, assim não havia atinado com a melhor maneira de ouvir o judeu sem ferir as suas tradições de dignidade pessoal, mantida de todos os tempos na vida pública.

Foi, ainda, nêsse impasse que chegou, novamente, ao palácio do Aventino, acompanhado de numerosos companheiros de labores políticos, surpreendendo amar-

guradamente o coração da filha, com a notícia trágica e dolorosa da sua cegueira.

Ana, como um anjo fraterno, valorosa irmã de todos os infortunados, sincera discípula do Cristianismo, esperou, carinhosamente, o seu senhor, junto de Flávia que exclamava, cheia de incoercível desalento:

— Meu pai, meu pai, mas que desgraça!...

O velho patrício, todavia, no seu otimismo, confortava-lhe o espírito, obtemperando:

— Filha, não te dês ao trabalho de conjeturar á fundo os problemas do destino. Em tôdos os acontecimentos da vida temos de louvar os soberanos designios dos céus e espero que te encorajes de novo, porque sómente assim viverei agora, junto de ti, em consolação afetuosa e recíproca! Foi o próprio destino que me afastou compulsoriamente das lides do Estado, afim-de viver doravante sómente por ti.

Abraçaram-se então efusivamente, fundiram-se em beijos do mesmo infortúnio, vibrações cariciosas de duas almas presas aos mesmos padecimentos.

Públio Lentulus, porém, embora o necessário descanso nos penates e apesar da cegueira que lhe impossibilitava as iniciativas, não perdeu a esperança de ouvir a palavra do inimigo implacável, ainda uma vez, e, para isso, aguardou o dia ansiosamente esperado pelo povo romano, das soberanas festas do triúnfo.

Convém acentuar que o velho senador foi conduzido á cidade imediatamente, em virtude da sua situação especialíssima, mas o vencedor e as suas legiões infundáveis entrariam em Roma, com todos os faustos protocolos dos triunfadores, de conformidade com os numerosos e antigos regulamentos da própria república.

No dia apazado, toda a capital, com a sua população de um milhão e meio de habitantes, aproximadamente, aguardava as magnificas comemorações da vitória.

Desde as primeiras horas do dia, começaram a grupar-se ás portas da cidade as legiões vencedoras, desarmadas, vestindo delicadas túnicas de sêda, ostentando soberbas auréolas de louro. Transpondo as portas da cidade, sob os aplausos estrondosos de multidões sem

fim, foi-lhes oferecido um banquete esplêndido, presidido pelo próprio imperador e seu filho.

Vespasiano e Tito, logo após as cerimônias do Senado, no pórtico de Otavia, encaminharam-se para a porta Triunfal. Ali, ofereceram um sacrifício aos deuses e tomaram os símbolos do triunfo nas grandes e aparatosas festividades imperiais. Realizada essa cerimônia, pôs-se em marcha o grande cortêjo, ao qual Públio Lentulus não faltou, com a secreta intuição de ouvir a palavra reveladora do chefe prisioneiro, cujo cadáver, depois dos sacrifícios daquele dia, seria atirado às águas do Tibre, de acôrdo com as tradições vigentes.

Todos os troféus das batalhas sanguinolentas e todos os vencidos, em número considerável, eram levados igualmente em procissão, na festa indescritível.

A' frente do cortêjo imenso, seguia incalculável quantidade de obras de ouro puro, enfeitadas de côres variadas e berrantes, acompanhadas das pedras preciosas em número incontável, não só em corôas de fulgurante beleza, como também em estofos que maravilhavam os espectadores pela sua variedade, sendo de notar que todos êsses tesouros eram carregados por jôvens legionários trajando túnicas de púrpura, com graciosos ornamentos dourados.

Logo após as demonstrações dos tesouros conquistados pelo triunfador, vinham ás centenas, as estátuas dos deuses, talhadas em marfim, em ouro, em prata, de tamanhos prodigiosos.

Em seguida aos deuses, todo um exército de animais, das mais variadas espécies, e dos quais de destacavam, notadamente, numerosos dromedários e elefantes cobertos de magníficas pedrarias.

Acompanhando os animais, a multidão compacta e acabrunhada dos prisioneiros vulgares exibindo sua miséria e olhares tristes, procurando ocultar dos espectadores impiedosos e irreverentes os ferros pesados que os manietavam.

Após os prisioneiros sucumbidos, passavam os simúlacros das cidades vencidas e humilhadas, confeccionados com grande esmero, sustentados nos ombros de soldados

numerosos, semelhando os modernos carros alegóricos das festas carnavalescas. Havia símúlacros de todas as cidades destruídas e saqueadas, de batalhas vitoriosas, sem faltar o arrasamento dos campos, a quédá de muralhas e os incêndios devastadores.

Depois dêsses símbolos, eram os despojos riquíssimos dos povos vencidos e das cidades conquistadas, principalmente os de Jerusalém, carregados com muito desvelo pelos legionários. Sob os aplausos gritantes e irreverentes da turba que se apinhava por tôda parte, desfileram as estátuas representando as figuras de Abraão e Sára, bem como de tôdas as personalidades reais da família de David, e mais todos os objetos sagrados do famoso templo de Jerusalém, tal a Mesa dos Pães de Proposição, feita de ouro massiço, de valor incalculável, as trombetas do Jubileu, o castiçal de ouro com sete braços, os paramentos de alto valor intrínseco, os véus sagrados do Templo e, por fim, a Lei dos judeus, que seguia atrás de todos os despojos materiais, pilhados pelas fôrças triunfadoras. Cada objeto era carregado em andores preciosos e bem ornamentados, ao ombro dos legionários romanos, coroados de louros.

Após os textos da Lei, seguia Simão, o desventurado chefe supremo de todos os movimentos da resistência de Jerusalém, acompanhado dos seus três auxiliares diretos, inclusive André de Gioras. Tôdos êsses chefes da longa e desesperada resistência vestiam de preto e caminhavam solenemente para o sacrifício, depois de haverem servido de adôrno em todas as comemorações festivas do triúmpfo.

Em seguida, vinham os carros soberbos e magníficos dos triunfadores. Após a passagem deslumbrante de Vespasiano, passava Tito num oceano de púrpura, de sêdas e de vermelhão, simbolizando o próprio Júpiter na embriaguez da sua vitória.

No sequito de honra, passava igualmente o senador valetudinario e cêgo, não mais pelo prazer festivo das homenagens, mas com o secreto desejo de ouvir a palavra de André, antes do trágico momento em que o seu corpo balançasse sôbre as águas lodosas do Tibre, no

instante da consumação do seu derradeiro suplicio, sob os aplausos delirantes do povo.

Após os carros imperiais dos vencedores e seus áulicos mais íntimos, vinha o exército compacto, entoando os hinos da vitória, enquanto todas as ruas e praças, fóros e pórticos, terraços e janelas, se pejavam de incalculáveis multidões curiosas e ávidas.

O cortejo movimentou-se solenemente, desde o *Teritorium Triumphale* até o Capitólio. Longas horas foram gastas no trajeto, através do longo e sinuoso caminho, porquanto a festividade era consumada de molde a levar os seus esplendores pelos recantos mais aristocráticos do patriciado romano.

Em dado instante, todavia, antes de se elevar á colina, todo o cortejo parou e os olhos ansiosos da multidão convergiam para Simão e seus três companheiros, auxiliares diretos da sua chefia, na resistência da cidade famosa.

Públio Lentulus, embora cego, mas afeito ao tradicionalismo daquelas comemorações, compreendeu que era chegado o instante supremo.

Em virtude do seu caso especialissimo e considerando a deferência que a autoridade julgava dever-lhe, o Imperador preocupava-se com a sua situação no cortejo, recomendando ao filho Domiciano, atender a quaisquer providências de que viesse a precisar em tais circunstâncias.

Naquele momento, debaixo das vibrações ruidosas do delírio popular, procedia-se ao flagício de Simão, diante de toda a Roma embriagada e vitoriosa, enquanto André de Gioras e os dois companheiros eram conduzidos á Prisão Mamertina, onde aguardariam o chefe, após a flagelação, para a morte em conjunto, de maneira que os cadáveres pudessem ser rastados através das Gemonias e sob as vistas do povo, atirados ás correntes do Tibre.

De alma ansiosa, mas disposto a realizar seus desígnios, o senador chamou o príncipe a cuja assistência fôra recomendado, expressando-lhe o desejo de dirigir a palavra a um dos prisioneiros em particular, e em

condições secretas, no que foi imediatamente atendido.

Domiciano tomou-lhe do braço com atenção e conduzindo-o á uma dependência da prisão sinistra, determinou a vinda de André a um cubículo isolado e secreto, conforme o desejo de Públio, aguardando o fim da entrevista numa sala próxima, juntamente com alguns guardas, tão logo penetrou o condenado para o interrogatório do antigo político do Senado.

Defrontando-se, os dois inimigos sentiram uma estranha sensação de penoso mal-estar. Públio Lentulus não mais podia vê-lo, mas se os seus olhos já não tinham expressão emotiva, crestadas para sempre as pupilas claras e enérgicas, seu perfil erecto manifestava, num largo gesto de aprumo, as emoções decisivas que o dominavam.

— Senhor André — exclamou o senador profundamente emocionado — contra todos os meus hábitos provoquei êste encontro secreto, de modo a esclarecer minhas dúvidas sôbre as palavras reticenciosas em Jerusalém, no dia em que consumastes vossas impiedosas determinações a meu respeito. Não quero, agora, entrar em pormenores sôbre a vossa attitude, mas tão sómente informar-vos, nêste momento em que a justiça do Império vos toma á sua conta, que tudo fiz por devolver-lhe o filho prisioneiro, cumprindo um dever de humanidade, em recebendo as vossas súplicas. Lamento que as milhas providências tardias não alcançassem o efeito desejado, fermentando-se tão violenta odiosidade no vosso coração. Agora, porém, não mais ordeno. Um cego não póde determinar providências de qualquer natureza, em face das penosas injunções da sua própria vida, mas solicito o vosso esclarecimento, acêrca da personalidade do escravo que me crestou a vista para sempre!...

André de Gioras estava igualmente abatidíssimo na sua decrepitude enfermiga e avançada. Comovido pela attitude daquele pai humilhado e infeliz e fazendo o íntimo retrospecto dos seus atos criminosos, naquelas horas supremas de sua vida, respondeu amargamente compungido:

— Senador Lentulus, a hora da morte é diferente de todas as outras que o destino assinala em nossa exis-

tência á face dêste mundo... E' por isso, talvez, que experimento o meu ódio agora transformado em piedade, avaliando o vosso sofrimento amargo e rude. Desde que fui prêso, venho considerando os êrros da minha vida criminosa... Trabalhando no Templo e vivendo para o culto da Lei de Moisés, só agora reconheço que Deus concede liberdade de ação a todos os seus filhos, mórmente aos seus sacerdotes, tocando-lhes, porém, a consciência no momento da morte, quando nada mais resta senão a apresentação da alma falida, diante de um tribunal a que ninguém pode mentir ou subornar!... Sei que é tarde para regredir no caminho percorrido, afim-de refazer os nossos atos, mas um sentimento novo me faz falar-vos aqui com a sinceridade do coração, que já não pode enganar a ninguém, acicatado pelo julgamento divino, no âmago da consciência!...

Ha quasi quarenta anos, vossa austeridade orgulhosa determinou a prisão do meu único filho, remetendo-o impiedosamente para as galeras e debalde implorei a vossa clemência de homem público, para o meu espirito desamparado... Das galeras, contudo, meu pobre Saúl foi remetido para Roma, onde foi vendido, miseravelmente, num mercado de escravos, ao senador Flamínio Severus...

Nêsse instante, o cégo, que escutava atenta e eminentemente emocionado, ao identificar o algoz da sua filha, cortou-lhe a palavra perguntando:

— Flamínio Severus?

— Sim, era também, como vós, um senador do Império.

Profundamente emocionado, ao ligar os fatos dolorosos de sua família á pessoa do antigo liberto, mas necessitando de todas as energias morais para dominar-se, o senador recalcou no íntimo a sua amargura, conservando-se em atude de expressivo silêncio, enquanto o condenado prosseguia:

— Saúl, todavia, foi feliz... Alcansou a liberdade e fez fortuna, voltando, de vez em quando a Jerusalém, onde me ajudou a prosperar; mas, devo revelar-vos que, não obstante os textos da Lei por mim pregada muitas

vezes, que nos manda desejar para o próximo o que desejariamos para nós mesmos, não cruzei os braços ante a vossa arbitrariedade criminosa, jurando vingar-me a qualquer preço, razão pela qual, numa noite tranquila, roubei o vosso pequenino Marcus na vossa residência de Cafarnaum, de cumplicidade com uma de vossas servas, que mais tarde tive de envenenar, para que não viesse a revelar o segredo e tolher meus sinistros propósitos, quando a vossa ansiedade paterna instituiu, em Jerusalém, o prêmio de um Grande Sestércio a quem descobrisse o paradeiro do pequenino... Lembrareis, por certo, da criada Semele, que morreu repentinamente em vossa casa...

Enquanto o condenado fazia pausa na sua triste confissão, que lhe tocava as fibras mais íntimas da alma, representando cada palavra um estilete de amargura a lhe retalhar o coração, Públio Lentulus chegava tardiamente ao conhecimento de todos os fatos, recordando os angustiosos martírios da companheira, como espôsa caluniada e mãe carinhosa.

Impressionado, porém, com o seu silêncio doloroso, André continuava:

— Pois bem, senador; obedecendo aos meus sentimentos condenáveis, raptei vosso filhinho, que cresceu humilhado nos mais rudes trabalhos da lavoura... aniquilei-lhe a inteligência... favoreci-lhe o ingresso nos vícios mais desprezíveis, pelo prazer diabólico de humilhar um romano inimigo, até que culminei na minha vindita em nosso encontro inesperado! Mas, agora, estou diante da morte e não sei enxergar mais a nossa situação, senão como pais desventurados... Sei que vou comparecer breve no tribunal do mais íntegro dos juizes, e, se vos fôsse possível, eu desejava que me désseis um pouco de paz com o vosso perdão!

O velho senador do Império não saberia explicar as suas profundas dores, escutando aquelas revelações angustiosas e amargas. Ouvindo André, sentia ímpetos de perguntar pelo filhinho em criança, por suas tendências, pelas suas aspirações da mocidade; desejava inteirar-se

dos seus trabalhos, das suas predileções, dos seus motivos prediletos, mas cada palavra daquela confissão amargurosa era uma punhalada nos seus sentimentos mais sagrados. Qual estátua muda do infortúnio, ainda ouviu o prisioneiro repetir, quasi em lágrimas, arrancando-lhe o espírito das suas divagações escuras e tormentosas:

— Senador, insistia André, suplicando tristemente — perdoai-me! Quero compreender o espírito da minha Lei, apesar do último instante!... Relevai o meu crime e dai-me forças para comparecer diante da luz de Deus!...

Públio ouvia-lhe a voz súplice, enquanto uma lágrima de dôr indescritível rolava dos seus olhos tristes e apagados.

Perdoar? Mas, por que? Não fôra êle o ofendido e a vítima de uma existência inteira? Singulares emoções abalavam-lhe o íntimo, enquanto numerosos soluços lhe morriam na garganta opressa.

Diante de si, estava o inimigo implacavel que êle procurára, por consecutivos e longos anos de infelicidade. Mas, na sua introspecção, sabia entender, igualmente, as suas próprias culpas, recordando os excessos da sua severidade vaidosa. Também êle estava ali como um cadaver ambulante, no seio das sombras espessas. De que valeram as honrarias e o orgulho desenfreado? Tôdas as suas esperanças de ventura estavam mortas. Tôdos os seus sonhos aniquilados. Senhor de uma fortuna considerável, não viveria mais, no mundo, senão para carregar o esquife negro de suas ilusões despedaçadas. Todavia, seu íntimo se recusava ao perdão da hora extrema. Foi então que se lembrou de Jesús e de sua doutrina de amor e piedade pelos inimigos. O mestre de Nazaré perdoára a tôdos os seus algozes e ensinára aos discípulos que o homem deve perdoar sententa vezes sete vezes. Recordou, igualmente, que, por Jesús, sua espôsa immaculada morrera nas ignomínias do circo infamante; por Jesús voltara Flamínio do reino das sombras, para incliná-lo, um dia, ao perdão e á piedade...

Os ruídos de fóra denunciavam que a hora derra-

deira de André estava próxima. O próprio Simão já caminhava vacilante e ensanguentado, depois do açoite, para o interior da prisão, epilógando o suplicio.

Foi então que Públio Lentulus abandonando todas as tradições de orgulho e vaidade, sentiu que no íntimo dalma brotava uma fonte de linfa cristalina. Copiosas lágrimas desceram-lhe ás faces rugosas e macilentas, das órbitas sem expressão, dos olhos mortos e, como se desejasse fitar o inimigo com os olhos espirituais, afim-de mostrar-lhe a sua comiserção e a sua piedade, exclamou em voz firme:

— Estais perdoado...

Voltando imediatamente á sala contígua e sem esperar qualquer resposta, compreendeu que era chegada a última hora do inimigo.

Dai a minutos, o cadaver de André de Gioras era arrastado ás Gemonias, para ser atirado ao Tibre silencioso.

O senador nada mais percebeu do restante das numerosas cerimônias no Templo de Júpiter.

O cortejo era agora iluminado pela claridade de mil fachos colocados pelos escravos em quarenta elefantes, por ordem de Tito, ao cair das primeiras sombras da noite, mas o senador, acabrunhado nos seus padecimentos morais, regressava em liteira ao palácio do Aventino, onde se fechou nos seus apartamentos particulares, alegando grande cansaço.

Tacteando na sua noite, abraçou-se á cruz de Si-meão, que lhe fôra deixada pela crença da espôsa, molhando-a com as lágrimas da sua desventura.

Em meditações amargas e dolorosas, pôde então compreender que Livia vivera para Deus e êle para Cesar, recebendo ambos compensações diversas na estrada do destino. E enquanto o jugo de Jesús fôra suave e leve para sua mulher, seu altivo coração estava prêso ao terrível jugo do mundo, sepultado nas suas dôres irremissíveis, sem claridade e sem esperanças.